

## A genealogia de meu trabalho

O primeiro componente de genealogia de meu trabalho é o cinema, particularmente aquele de Godard, Bergman, Antonioni e Pasolini<sup>1</sup>. Vim para Brasília com minha família em 1962 e a partir de 1965 meu programa obrigatório era o cine clube da Escola Parque, na superquadra em que morávamos. Foi naquela sala de cinema que, ainda adolescente, entendi a imagem como universo próprio e, simultaneamente, algo a ser construído. Esses diretores trabalhavam de forma muito autoral e reformularam a linguagem cinematográfica. Foi uma experiência única, profundamente formadora do ponto de vista estético.

Essa noção estética que a minha geração extraiu do cinema, especialmente do cinema europeu, nos contaminava pela qualidade do movimento, mas tinha penetração pela facilidade de acesso a esses trabalhos. Do ponto de vista das artes plásticas, por exemplo, tínhamos poucas oportunidades de ver no Brasil o trabalho contemporâneo internacional e a Bienal de São Paulo era uma exceção. Só mesmo as expressões cujas mídias permitiam a distribuição pulverizada, como a música, o cinema e a literatura, alcançavam o país um pouco mais uniformemente. Esse isolamento das cidades era real e inclusive favorecia o projeto de repressão do governo ditatorial, pois propiciava o controle e vinha com a chancela da censura. Felizmente teve resposta na MPB, na arte de vanguarda, no cinema-novo. Há sempre um dado político permeando cada momento e contaminando seus conteúdos de expressão.

Em casa líamos muito, motivados pelo interesse de minha mãe, que sempre teve um livro em suas mãos, por meu pai, que entendia que uma educação se fazia com enciclopédias, e por minhas irmãs, que cursavam Letras aqui na UnB e graças a quem tive acesso ao *campus* bem antes de ser universitário e por meio de quem pude conhecer a literatura brasileira da época. Então essa proximidade com o livro e a leitura como hábito diário é o segundo fator significativo da minha formação.

Gosto de ler e leio de um tudo, mas no sentido que estou relatando quero destacar três autores que, por sua habilidade de narrativa, determinaram meu apego. A surpresa de vê-los tomando a liberdade de cruzar linguagens em uma mesma obra abria uma alternativa de pensamento para mim. São livros fabulosos escritos há oitenta, cem anos atrás, mas que não estão a serviço do ideal modernista. São puramente autorais e eu me arrisco a dizer que, se a poesia tem um projeto claramente modernista do ponto de vista construtivo, a literatura modernista encontrou sua verdadeira feição nos 'manifestos' enquanto a ficção permaneceu mais liberta. Com Joyce<sup>2</sup> (*Ulysses*) eu cometi a barbárie de tentar uma leitura juvenil muito inocente, temo que só pelo valor do enfrentamento. Recentemente fiz meu ato de contrição e o reli, condignamente. É maravilhoso. Falkner<sup>3</sup> (*Palmeiras Selvagens*) foi um fantasma terrível, pois ele era 'o escritor' de muitos escritores, os quais apontaram a habilidade de sua construção. E ele inclusive pensou a proximidade física das páginas como fator de uma possível contaminação narrativa. Isso é formidável e real. Mas eu quero comentar o *Livro do*

---

<sup>1</sup> Jean-Luc Godard (1930-), cineasta franco-suíço. Ernst Ingmar Bergman (1918-2007), dramaturgo e cineasta sueco. Michelangelo Antonioni (1912- 2007), cineasta italiano. Pier Paolo Pasolini (1922-1975), cineasta, poeta e escritor italiano.

<sup>2</sup> James Joyce (1882-1941), foi romancista, contista e poeta irlandês.

<sup>3</sup> William Cuthbert Faulkner (1897-1962), escritor norte-americano, recebeu o Nobel de Literatura de 1949.

*Desassossego*. É um livro que permaneceu em estado de preparação ao longo da vida de seu autor, Fernando Pessoa<sup>4</sup>, ou Bernardo Soares, sem que lograsse de suas mãos uma estrutura ou forma final e que existe hoje, como publicação, graças a versões organizadas por diferentes estudiosos após sua morte. Meu apego a esse livro não está exatamente em seu estilo de prosa poética. Sempre me vi movido mais por sua escrita fragmentada, que permite o acesso ao conteúdo com muita liberdade. Ademais é um não livro, de um não autor, eternamente não pronto e essa condição é da natureza do muito poético. Para mim essa noção da coleção de pedaços, que se recolhe em tarefa contínua, se aproxima muito do processo de trabalho em arte. Hoje em dia somos dependentes dos aplicativos de editores de textos e nos habituamos a operar comandos do tipo *control C*, *control V*, com suas formas próprias de registro. Creio que essa é mais uma ferramenta a contaminar o pensamento e as formas de produção e nos coloca, como artistas, na condição permanente de autores de colagens, montadores de quebra-cabeças e restauradores de frações.

Então volto à minha genealogia para apontar a descoberta de Giotto<sup>5</sup>, uma referência fundamental na história da arte. Com ele entendi o corpo da pintura como coisa que pode ser esmiuçada, demonstrada como relação direta entre áreas de trabalho, povoada pelo caráter político e relacional da figuração. Isso foi definitivo para mim, embora esse encontro com sua pintura tenha sido indireto, terceirizado pelas reproduções de livros de arte, pois eu só teria a chance de ver sua obra pessoalmente muito tempo depois.

A quinta referência, eu a encontrei no exemplo de vida de Hokusai e Matisse<sup>6</sup>, ambos artistas longevos. Além de terem construído seus trabalhos como um exercício que se dá na amplitude da vida, são exemplos da dedicação permanente ao trabalho e do entendimento do tempo como condição, fator de acúmulo para o encontro de uma linguagem própria, situada para além de cada trabalho. Precisei aprender muito jovem a organizar meu tempo entre empregos convencionais e a dedicação a meu trabalho de artista e, assim, eles me tranquilizavam um pouco.

Essas referências se reportam à minha formação de adolescente, momento em que percebi a escolha de vida que faria. São encontros de identidade, avistando meus interesses em expressões externas. Foi assim na visita ao IV Salão Nacional de Arte Moderna do DF, apresentado em 1967 sob a estrutura ainda inacabada do Teatro Nacional, e onde estava exposto o porco empalhado de Nelson Lerner<sup>7</sup>. Naquele momento eu me identificava com as

---

<sup>4</sup> Fernando Antônio Nogueira Pessoa (1888-1935), poeta e escritor português. Refere-se a B.S. como uma personalidade literária, não um heterônimo, reconhecendo a excessiva proximidade entre eles. O autor apresentava seus planos para o livro, como tendo sido 'composto pelo ajudante de guarda-livros Bernardo Soares, na cidade de Lisboa / por Fernando Pessoa'. Jacinto do Prado Coelho, 2ª edição, 1997.

<sup>5</sup> Giotto di Bondone (1266-1337) pintor e arquiteto italiano, reconhecido na história da arte pelo aprimoramento da representação da perspectiva na pintura, antes do Renascimento.

<sup>6</sup> Katsushika Hokusai (1760-1849), artista japonês, gravador no estilo Ukiyo-e. Henry Matisse (1869-1954), artista francês.

<sup>7</sup> *O Porco*, 1966 ([www.itaucultural.org.br](http://www.itaucultural.org.br)), porco empalhado e engradado de madeira, 83 x 159 x 62 cm, coleção Pinacoteca do Estado de São Paulo. Nelson Leirner (1932-), artista plástico paulista. [www.nelsonlerner.com.br](http://www.nelsonlerner.com.br)

incurções brasileiras na linguagem pop e havia visto no Rio o trabalho de Antonio Dias<sup>8</sup>. Creio que entendi a importância do protesto político de Nelson naquele evento, mas o porco era demais para mim. Era demais para todos, mesmo para o júri que acolheu a obra. Mas isso ficou comigo, no entendimento da contradição entre meu apego a um elemento de identidade, contraposto à perspectiva de um desprendimento necessário, expresso por um gesto mais ameaçador que eu não alcançava.

Muito depois houve o encontro com o trabalho de Agnes Martin<sup>9</sup>, com sua pintura e também com seus textos, refletindo sobre a natureza do trabalho do artista e o sentido dessa dedicação. A capacidade de construir o trabalho com um foco pontiagudo, analisando as leis impostas à pintura e entendendo o desenho como parte da amplitude da pintura, em favor de um projeto objetivo. Essa foi uma lição necessária.

Comecei muito jovem a trabalhar com programação visual e meu interesse pelas imagens e referências de caráter gráfico são determinantes em meu trabalho. Essas referências correspondem às tipologias e caligrafias da palavra impressa; a fotografia destinada às impressões, em variados meios; as enciclopédias, livros ilustrados e as histórias em quadrinhos; as embalagens em geral, por reconstruírem uma noção da representação. Assim como as capas de livros, de revistas, de discos, os cartazes de cinema e tantos produtos distribuídos em prateleiras comerciais. Tenho uma atração enorme pela forma como esse universo nos povoa e renomeia a vida, roubando-nos a autoria do mundo e preenchendo-nos com promessas de conteúdo. Isso constitui um poder.

Então, resumo minha genealogia assim: o cinema, a leitura, a coleção de pedaços, o corpo da pintura, o tempo como condição, o pop, o apego e o desprendimento, a pintura ampla e o caráter gráfico.

Para criticar essa genealogia de artista, quero citar um diálogo entre personagens no filme *Faust*<sup>10</sup> de Sokurov. No meio do filme o jovem Fausto caminha na floresta com Mauricius – o Mefistófeles – e lhe pede poderes. O velho monstruoso não poderá lhe atender e justifica essa impossibilidade, dizendo:

- Minhas coisas não me pertencem. Elas podem ser recobradas a qualquer momento.

Creio que assim podemos nomear com mais desprendimento aquilo de que somos formados. Muitas coisas estão conosco, por fazerem parte de nossa vida ou de nosso trabalho, e foram tomadas por nós por um pertencimento que é razoável, mas não concreto. Nós sempre podemos abandoná-las e elas podem se esvaziar, retornando às suas origens. E é justamente assim que se restabelecem os vínculos e o valor de nossas escolhas. Embora façam sentido enquanto prevalecem, fazem ainda mais sentido quando conseguimos superá-las. RTG 2014

---

<sup>8</sup> Antonio Manuel Lima Dias, ou Antonio Dias (1944-2018), artista plástico multimídia paraibano.

<sup>9</sup> Agnes Bernice Martin (1912-2004), escritora e pintora abstrata canadense/norte-americana.

<sup>10</sup> *Faust*, filme dirigido por Alexandr Sokurov (1951-), cineasta russo. Livre adaptação dos trabalhos de Goethe e Thomas Mann, conta a história do homem que empenha sua alma em busca do conhecimento.